



A questão do gênero no esporte e o fascínio que ele exerce nos seres humanos – Estudo sobre o filme “Menina de Ouro”.¹

Livia Finamore Brito²

Saulo Rocha³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Considerando que esporte e cinema são manifestações culturais típicas da modernidade e que ambos possuem um longo relacionamento no decorrer da história, este estudo objetiva discutir a questão do gênero no esporte e o fascínio que o esporte exerce sobre os seres humanos. Para isso, faz-se análise do enredo e das técnicas de captação e edição de imagens utilizadas na estrutura do filme Menina de Ouro, de Clint Eastwood.

Palavras-chave: Gênero; Fascínio; Esporte; Boxe; Menina de Ouro.

Introdução

Através do Filme menina de Ouro, de Clint Eastwood, aferem-se questões sobre gênero no esporte, que também estão relacionadas com o cenário atual de produções cinematográficas. Isso porque, a partir desse filme, as formas de representação da figura feminina no cinema relacionado ao esporte podem ser modificadas. Os motivos que levam a isso são explicados, a seguir.

O filme conta a história da relação entre Maggie Fitzgerald e Frankie Dunn, que é uma lenda do boxe, ex-treinador de vários grandes lutadores. Sofrendo com o doloroso distanciamento da filha, Frankie, há muito tempo, optou por não se aproximar de ninguém. A única exceção é seu amigo Scrap, ex-boxeador que cuida do ginásio de Frankie e que perdeu a visão em uma luta. Em meio à rotina do ginásio, Maggie entra, a fim de se tornar uma lutadora de boxe profissional. Ela traz consigo um talento não-lapidado, uma determinação inabalável e uma imensa força de vontade. Maggie quer que Frankie a treine, mas ele nega afirmando que “só treina homens”. Entretanto, ela não desiste e passa a treinar diariamente na academia. Vencido pela determinação de Maggie, Frankie cede e aceita treiná-la, mas com uma condição: que ela não faça

¹ Trabalho apresentado ao Intercom, na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Livia Finamore Brito é aluna de graduação do curso de comunicação social da UERJ, e-mail: livia_finamore@yahoo.com.br

³ Saulo Gomes Rocha é aluno de graduação do curso de comunicação social da UERJ, e-mail: saulo_rocha@hotmail.com



perguntas. Assim, Maggie passa a se esforçar diariamente e consegue tornar-se uma grande lutadora com a ajuda de Frankie.

A questão do gênero no esporte

O boxe possibilita a criação de boas histórias e por isso, vem sendo representado em diferentes linguagens artísticas, principalmente fora do Brasil. Isso porque, o esporte propicia a apresentar ambiente e “personagens” paradoxais, confusos e sombrios. Isso porque, o esporte em questão exige do atleta, ao mesmo tempo, agressividade e ética; visão geral e foco na luta; saber lidar com a decadência e com o sucesso, dentre outros elementos antagônicos.

Essas características também se relacionam com o filme de Clint Eastwood, atestando a sintonia entre forma e conteúdo, a ser explorado, posteriormente, no presente trabalho. No filme, os personagens dos treinadores e empresários aparecem sempre às sombras (literalmente) para ressaltar esse clima sombrio e os sentimentos dos personagens principais são essencialmente confusos e paradoxais. No caso de Frankie, isso fica explícito nas suas relações afetivas com sua filha. Ele não se perdoa por ter se afastado e por isso sempre se lembra dela com muita mágoa. No entanto sempre manda cartas que, por mais que sejam devolvidas e nunca respondidas, ele não desiste de enviar. Esse trauma é estendido à personagem de Maggie na medida em que, desde o primeiro contato, ele se recusa a treiná-la ou mesmo dialogar com ela pelo fato dela ser uma “menina”. Essa reação embora esteja relacionada a uma experiência frustrante anterior, evidencia um antigo preconceito em relação à prática esportiva por parte de mulheres, já que o esporte está historicamente vinculado à masculinidade.

Para melhor compreendermos essa questão, devemos adotar o ponto de vista que a masculinidade é construída socialmente. Nesse sentido, a masculinidade associada ao esporte foi (até certo ponto) socialmente aceita e estimulada pelos homens. Em outros filmes de boxe como “Rocky” e “O Campeão”, a construção da masculinidade é explícita já que o enredo inclui a paternidade viril que quer, através da luta, mostrar ao filho o exemplo de um verdadeiro herói. Além disso, o pai está preocupado em morrer ou ser derrotado e assim, não poder garantir um futuro confortável financeiramente para o filho (lembrando que no conceito tradicional de família essa responsabilidade é do pai).



Mas se por um lado a paternidade está associada à virilidade e ao heroísmo, a maternidade estaria relacionada à feminilidade. A diferença é que na prática esportiva, masculinidade e machismo às vezes se confundem e já no caso das mulheres o mesmo não ocorre. Ao invés disso, muitas vezes, elas mesmas “reproduzem a fala” do homem em seus gestos e sobre esse caso, apresenta-se uma consideração que resume bem a questão:

A perspectiva crítica de gênero no campo do esporte, embora não apenas nesse, parte de duas teses explícitas ou implícitas. A primeira diz que as representações, normas e hábitos que orientam as formas de participação das mulheres nos esportes foram gerados pelos homens que, paradoxalmente, foram educados principalmente por mulheres no lar e na escola. Temos que reconhecer então que as educadoras reproduziam as crenças masculinas produzidas pelos homens. A segunda indica que essas construções objetivam o controle ou poder sobre as mulheres por parte os homens. Da forma em que é formulada a segunda tese, ela supõe a vontade de controle ou poder das mulheres formaria parte da natureza feminina.

(Lovisoló, Soares, Bartholo, 2006)

Essas considerações nos dão uma idéia de como, até então, a questão do gênero era retratada cinematograficamente. Por mais que o cenário ainda não tenha se alterado estatisticamente, o caso do filme “Menina de Ouro” é bastante relevante, pois subverte, de forma inédita, essa lógica.

Tensões recentes no âmbito das relações de gênero criaram algumas mudanças no quadro geral e isso possibilitou o surgimento desse caso em que a “culpa” da mulher no processo é substituída numa comedida inversão de papéis. Maggie, ao decidir a qualquer custo ser boxeadora e ao enfrentar todos os obstáculos para isso, encarna o herói dos filmes de esporte. Mesmo que tenha um fim trágico, a personagem mantém sua dignidade, força, superação (e outras características típicas dos filmes do gênero) inabaladas.

De fato, as imagens não se afastam muito do universo criado no mundo do boxe na trajetória de Maggie, mas o inédito passa a ser o fato de a personagem ser vivida por uma mulher. Ainda mais por essa mulher não corresponder ao estereótipo da mulher masculinizada que se espera de uma lutadora.

Por fim, existe no filme outra notável e curiosa forma que redefine o papel do homem na narrativa do boxe: a sensibilidade. Apesar de se ver novamente homens cercados de violência e combates fora e dentro do ringue, os homens de destaque no filme, apesar de aparentemente não emotivos, são sensíveis. Eles apresentam crises em suas condições e insegurança na hora de agir devido à notória humanidade. Fato esse



que pode ser comprovado com comoção que Maggie provoca em Frankie. Se no início do filme ele não quer nem estabelecer uma relação profissional por ela ser mulher, no fim ele não só o faz como passa a atuar como um amigo, pai e protetor. Isso sem que haja uma tensão sexual explícita, ou seja, o filme mostra como uma mulher comove um homem através da conquista do respeito social e reconhecimento profissional. Não estaríamos, então, vendo a mudança dos tempos (ou pelo menos o que se deseja dela) se refletindo nas telas de cinema?

O fascínio do esporte

Como pôde ser observado, o filme trata de relações construídas a frente do boxe como pano de fundo. Em tempo, o narrador exalta o esporte em todos os momentos, ressaltando as particularidades desse esporte que ele considera tão mágico. “Se há magia no boxe é a magia de lutar além da resistência, das costelas quebradas, rins rompidos, retinas descoladas. É a magia de arriscar tudo por um sonho que só você vê”, afirma Scrap. “O boxe é antinatural porque tudo é ao contrário. Se você quer ir para a esquerda você se apóia no lado direito. (...) Ao invés de fugir da dor, como uma pessoa sã faria, você vai em direção a ela”, completa. Através dessas frases, podemos observar um grande fascínio do narrador com relação ao esporte.

O fascínio que o boxe exerce, também tem efeito sobre Maggie. Mesmo ela tendo uma vida muito dura, já que sua família era pobre e ela teve que trabalhar como garçoneite desde os 13 anos, ela não desistiu do seu sonho e buscou a todo custo ser uma grande lutadora. Os obstáculos foram muitos, mas com muita força de vontade ela entrou na academia e passou a treinar diariamente, mesmo sem apoio. A princípio, como Frankie estava decidido a não treiná-la, já que ela era mulher, o único apoio que ela recebeu foi de Scrap, começando então a uma virada na questão do preconceito em relação ao sexo feminino quando o assunto é esporte. Assunto esse, que, posteriormente, será abordado mais profundamente.

A determinação de Maggie pode ser explicada somente pelo amor ao esporte. Uma cena do filme a mostra celebrando seu aniversário na academia, treinando. Na cena, ela inicia uma conversa com Frankie sobre as dificuldades de sua vida e afirma que a única coisa que faz com que ela tenha prazer é lutar. Acrescenta ainda que, se não fosse pra lutar boxe, ela não via sentido nenhum na vida. Podemos observar que esse



discurso está cheio de paixão. O que move a Maggie é o amor pelo esporte que ela escolheu. Essa paixão é evidenciada ao longo de todo o filme.

Podemos notar que universo esportivo é notadamente marcado pela paixão, pelo fascínio exercido sobre as pessoas. E essa atração não se restringe aos que praticam o esporte, muito pelo contrário, vai muito além. Uma pátria inteira pára suas atividades somente para torcer pelo seu esportista favorito. Multidões sofrem por um time de futebol, por exemplo. Como foi citado por Ronaldo Helal, no texto *Campo dos Sonhos: esporte e identidade cultural* “o esporte exerce um fascínio e uma atração muito grande nas pessoas, justamente por se tratar de um momento especial, um contexto extraordinário, constantemente ‘alimentado’ de mitos, casos, lendas e histórias fantásticas, reforçando a questão da emoção e excitação” (Elias, 1985). Como ressalta Helal, o esporte é praticado em locais especiais, o que o confere uma magia ainda maior.

“Os eventos esportivos são vividos como momentos especiais, destacados da vida diária, ocorrendo em lugares apropriados que lhes conferem um caráter extraordinário. Essa tendência a se destacar da vida diária, a se constituir um momento de celebração e festa, deve-se ao fato de que a própria sociedade costuma ‘eleger’ o esporte para expressar seus sentimentos mais profundos. (...) O universo do esporte, com seu espírito de competição e um discurso meritório de vitórias e derrotas, é um terreno fértil para comemorações e exaltações”

Helal, 2000, p. 101

Assim, podemos observar que o universo do boxe também é cercado de exaltações. O momento das lutas é especial e marcado por comemorações. O público, junto com os lutadores, se envolve naquela disputa e passam a fazer parte daquele momento de magia.

Por outro lado, sabe-se também que o universo esportivo é uma indústria que movimentava grandes somas de dinheiro. Entretanto, notamos que a prática esportiva não se restringe a questões monetárias. Ainda vemos histórias de “esporte pelo amor ao esporte”. No filme, podemos observar que Maggie não está somente interessada no dinheiro. Muito pelo contrário: o dinheiro é uma consequência do seu sucesso profissional. O foco de Maggie não é tornar-se milionária, e sim ser reconhecida como uma grande lutadora de boxe. Isso demonstra o interesse em triunfar e se transformar em heroína de seu esporte predileto, o que é o sonho de muitos atletas.

A questão dos dirigentes – detentores do dinheiro investido no esporte – também é apontada no filme. Entretanto, no caso do boxe, quem ocupa esse papel é o treinador. Frankie treinava o Big Willy por oito anos e depois de todo esse tempo,



pouco antes da luta do título, Willy resolveu deixá-lo, já que recebeu uma proposta de outro treinador, Mickey Mack. Mickey pode ser considerado muito mais um empresário do que treinador, pois o que ele efetivamente fazia era promover as lutas e não ensinar como se luta. Foi Frankie quem ensinou tudo o que Willy necessitava saber para ser campeão. Mickey Mack é no filme um empresário que somente está interessado no lucro, diferentemente de Frankie, que acima de tudo se preocupa com a segurança e com o bem-estar de seus lutadores. Para Frankie, mais importante que ganhar o título é manter-se com saúde, tanto que criou como regra número um para seus atletas o lema “proteger-se sempre”. Devido a essa preocupação, ele adiou tanto a luta do título de Willie e por isso também que relutou tanto para deixar que Maggie lutasse contra a “Ursa Azul”. Essa atitude de Frankie, atenta para a diferença de conduta entre os que são fascinados pelo esporte e os que o vêem apenas como uma fonte de renda, como qualquer outro negócio. Temática essa, muito debatida atualmente por atletas e pensadores envolvidos em esportes populares, como Futebol.

O fascínio que o boxe causa, assim como em outros esportes, não tem explicação nem lógica, pois “no universo esportivo (...) amadorismo, ‘amor à camisa’, cantos, rezas e superstições são questões e atitudes que se interpõem ao profissionalismo, comercialização e a administração empresarial do esporte” (Helal, 2000, p. 101). Assim, podemos notar que as questões esportivas não estão associadas à lógica, mas à paixão, que é essencialmente ilógica.

Análise técnica do filme

Para construir o filme *Menina de Ouro*, Clint Eastwood utiliza diversos elementos distintos. Neste momento, o objetivo é analisar como esses elementos são utilizados pelo diretor, em prol da adequação da temática abordada ao formato no qual ela se apresenta.

Sendo o plano a “unidade mínima” da cena, deve-se considerá-lo primeiro, para que, a partir dele, se estruture a análise dos outros elementos. Sendo assim, podemos notar que o diretor prioriza a utilização do primeiro plano, que foca os personagens do busto para cima. Isso faz com que a face dos personagens possa ser bem observada, destacando suas emoções, o que eles estão sentindo naquele momento. Há também o uso freqüente do primeiríssimo plano, no qual a câmera foca somente o rosto do personagem. Esse plano, mais até do que o primeiro plano, também demonstra as



emoções e sentimentos dos personagens e o resultado disso é a humanização dos acontecimentos do enredo, fortalecendo a idéia da sensibilidade associada a indivíduos até então incapazes de a sentirem, conforme já exposto anteriormente.

Outro plano que também é usado é o plano geral, que mostra a imagem de todo o ambiente, com a câmera aberta e o personagem ao fundo. Podemos notar a utilização desse plano em diversos momentos, como quando Maggie vai lutar em Londres e mostra a cidade com uma câmera aberta, situando o espectador no local onde ocorre o filme. Esse é um recurso bastante presente em narrativas onde há movimento de personagens entre cidades ou países distintos. Há também o uso do plano geral no início das lutas, quando a câmera filma todo o ambiente onde vai acontecer a disputa, dando assim, uma retratação das expectativas da platéia antes de cada luta.

Também notamos diversas vezes a utilização do plano plongée, no qual a câmera focaliza o personagem de cima para baixo. Esse plano é utilizado após uma luta, quando a boxeadora derrubada por Maggie está no caído. A câmera filma a boxeadora no chão de cima para baixo, o que demonstra sua fragilidade e inferioridade. Essa técnica ressalta a condição inferior das personagens derrotadas. Outro momento que é utilizado o plongée é quando Maggie é derrubada pela “Ursa Azul” e a equipe médica chega para socorrê-la. A câmera, então, focaliza Maggie de cima para baixo, mostrando que ela está numa posição inferior e também torna a imagem subjetiva, como se fosse a visão dos próprios médicos.

Outro plano utilizado é o contraplóngée, no qual a câmera é focalizada de baixo para cima. Observa-se o uso desse plano quando Maggie vence uma luta e a câmera é posicionada no chão, mostrando a boxeadora caída e Maggie comemorando. Essa câmera demonstra a posição de superioridade de Maggie e a sua força. Esse ângulo amplia o poder da vitória e realça a alegria da campeã.

Um novo ponto que podemos notar é a utilização do plano e contraplano. O plano é o que estamos vemos no momento, o que está em foco e o contraplano é o que não está focalizado, mas sabemos que está na cena. Esse conjunto é muito utilizado nos diálogos entre os personagens. No filme, Clint Eastwood explora o seu uso, como no momento que Maggie tenta convencer Frankie a treiná-la. Neste diálogo, a câmera alterna entre o rosto de Maggie e o rosto de Frankie, dependendo de quem está falando no momento. As utilizações de planos e contraplanos fazem com que o espectador se identifique mais com a história, pois, de certa forma, cria uma interatividade com a cena, como se a imagem vista fosse a visão do próprio personagem que dialoga. Mas



não é só em diálogo que esse conceito pode ser utilizado. Notamos novamente a utilização quando Frankie assiste a luta de Willy na televisão. O foco da câmera alterna entre a TV e o rosto de Frankie. Nesse caso, o resultado é a possibilidade de acompanhar, simultaneamente, o que está sendo transmitido pela televisão e a reação de Frankie a esse conteúdo.

Eastwood também utiliza outro recurso no momento dos diálogos. Quando há uma conversa entre Willy e Frankie, um está parado de frente para o outro e a câmera está focada no rosto de um deles, deixando somente uma parte da cabeça do outro aparecer. Assim, enquanto um personagem fala, sabemos que o outro também está ali, pois uma parte do corpo do outro está aparecendo.

Além dos planos, o movimento da câmera também é um elemento fundamental na composição das imagens do filme. Nos momentos em que Maggie está lutando, notamos que a câmera, geralmente, fica localizada atrás de uma das boxeadoras e que a há um movimento como se a câmera estivesse na mão de alguém. Há uma trepidação que acompanha as boxeadoras e os golpes. Assim, de acordo com o movimento das boxeadoras, a câmera se move. Mais uma vez, apresenta-se então o que chamamos de câmera subjetiva, que coloca o espectador coma sensação de que a imagem que vê é a imagem real da personagem em questão.

Em outros momentos, é utilizado a panorâmica. A panorâmica, ou pan, é uma câmera que se movimenta em 360°, horizontalmente. Esse deslocamento é notado na academia de Frankie, mostrando ao espectador todo o ambiente, para que possa ter uma visão geral. Seria um paralelo da visão que se deseja ao adentrar pela primeira vez ao lugar. É uma visão exploratória, que visa apresentar o máximo de informações possíveis sobre o ambiente, para que ele se torne familiar, já que será cenário de muitos momentos relevantes da trama.

Há também o uso do travelling, que é a câmera se movendo para frente e para trás. Quando um personagem está andando, esse movimento é bastante utilizado. Um exemplo pode ser notado quando Frankie está andando por sua academia e a câmera o acompanha. A utilização do travelling pode também ser observada provocando outro efeito. Quando Scrap está pensando, a câmera se move para frente, aproximando-se do seu rosto. Esse deslocamento provoca a sensação de que o espectador compreende o que o personagem está sentindo naquele momento de introspecção. O mesmo acontece quando Maggie está pensando dentro do carro.



Um novo ponto que podemos analisar é a iluminação do ambiente do filme. Eastwood explora bem esse recurso. Em alguns locais filmados, como a casa de Maggie, o seu trabalho e o hospital, a iluminação é fraca e o ambiente é escuro, pois esses locais não remetem a personagem a coisas boas. Já na academia e no ringue, a iluminação é forte, o que provoca a sensação de bem-estar e de felicidade, pois aqueles ambientes são bons para Maggie. Isso demonstra a concretização das sensações dos personagens, numa perfeita adequação entre imagem e conteúdo. Ainda a respeito da iluminação, notamos que o autor utiliza a luz para provocar o efeito de movimento. Como, por exemplo, quando Frankie e Maggie estão dentro do carro. As luzes e as sombras no rosto dos personagens provam que o carro está em movimento.

Com essa análise, nota-se como Clint Eastwood construiu o filme *Menina de Ouro* e os elementos por ele utilizados.

Conclusão

As narrativas exibidas nos cinemas, historicamente influenciam e são influenciadas por práticas, preferências, hábitos e crenças culturais da época em que foram produzidas. Nesse contexto, devido ao fato de hoje se falar muito na consolidação do poder feminino nas sociedades pós-modernas, o filme “Menina de Ouro” serve como um reflexo e como uma inspiração para a possível mudança na mentalidade social contemporânea. Isso porque, apesar da posição relevante ocupada pelo gênero feminino hoje, no mundo esportivo, muitas vezes, elas ainda sofrem preconceitos, causados possivelmente pela falta de discernimento entre masculinidade e machismo.

Além do cinema, as práticas esportivas também se modificam ao ritmo do desenvolvimento social. Por isso, atualmente, com a tendência da mídia de tornar acontecimentos culturais em produto de entretenimento e espetáculo, o fascínio exercido pelo esporte sobre os seres humanos têm se intensificado exponencialmente. Os eventos esportivos, com ajuda da abordagem enfática da mídia, realçam sentimentos que são tidos como geratriz das competições como paixão, garra, perseverança, etc.



A fusão histórica entre cinema e esporte pressupõe utilização de técnicas de captação e edição de imagem que adéqüem para as telas de exibição, a narrativa heróica associada aos atletas. Essas técnicas criam uma linguagem própria que ao invés de apenas reproduzir a atmosfera das competições esportivas, criam uma identidade visual única e apropriada para essa fusão.

Bibliografia

HELAL, Ronaldo. “Campo dos sonhos: esporte e identidade cultural”. In: *comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*, vol.3, ano 3. CEFD / Universidade Federal de Santa Maria, 2000.

LOVISOLO, H.; SOARES, A.; BARTHOLO, T. “Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas”. In: *Movimento*, vol.12, n.03. Porto Alegre: Movimento, 2006.